

Brasil assume padrão de poluidor de 1º mundo, diz autor do IPCC

Categories : [Reportagens](#)

Muitas vezes progresso não rima com desenvolvimento sustentável e preservação ambiental. Só nos últimos cinco anos, o Brasil assumiu um padrão de poluidor de primeiro mundo, explicou José Marengo, um dos autores do Quinto Relatório de Avaliação (AR5) do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC).

Com a redução dos índices de desmatamento, a maior causa de emissão de gases de efeito estufa do país agora é decorrente da queima de combustível fóssil, especialmente da frota de veículos automotores que circulam pelas cidades brasileiras.

“Nos últimos anos o desmatamento da Amazônia diminuiu bastante, mas a frota de carros aumentou. O que coloca o Brasil como um país poluidor como no primeiro mundo é a queima de combustível fóssil, diesel, geradores e veículos. Acho preocupante porque sempre criticamos os países desenvolvidos por isso. A única forma de mudar é favorecer o transporte público decente”, afirmou o chefe do Centro de Ciência do Sistema Terrestre do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE).

Marengo apresentou em um seminário no Rio de Janeiro na sede do Centro de Informações das Nações Unidas, nesta terça-feira dia 8 de outubro, os principais resultados do “Resumo para Formuladores de Políticas” (Summary for Policymakers) do AR5.

Esforço global

As principais fontes de emissão de gases de efeito estufa no Brasil são a agricultura; a atividade industrial com a queima de combustíveis fósseis, uso de termoelétricas, frota de carros e o desmatamento com a queima de biomassa. “Temos que mudar nosso estilo de vida, mas isso é a parte mais difícil”, admitiu.

No entanto, o esforço não deve ser apenas nacional de alguns países e sim global a fim de manter um cenário mais conservador de aumento das temperaturas no próximo século.

“O esforço tem que ser global. Nacional só não adianta porque a atmosfera é global. O que acontece na China vai ter reposta no Brasil e a fumaça da Amazônia vai chegar à Argentina e à Europa em algum momento”, argumentou.

Papel do homem no clima

O relatório do Grupo de Trabalho 1 divulgado, no último dia 27 de setembro, reuniu 259 autores de 53 países que colocaram em mais de 400 páginas informações científicas e projeções para o futuro. A mensagem do documento é clara: é preciso reduzir as emissões dos gases de efeito estufa e a influência humana no sistema climático é inequívoca.

Na opinião de Marengo, a única forma é diminuir o volume de carros, adotar energias renováveis e reduzir o uso de termoelétricas. “Não podemos zerar a queima de combustíveis fósseis, mas o ideal é misturar e colocar outras fontes. Isso pode ter um custo elevado”, admitiu.

É a velha história: se um dia quiser comprar uma mesa, mas a de madeira certificada custa 5 mil reais e a mesma com madeira ilegal terá um preço quatro vezes menor, “o que você faz?”, questiona Marengo. “Economicamente você compraria a mais barata, mas ecologicamente a mais cara”.

As medidas de mitigação são caras e atuam no longo prazo. Segundo o painel intergovernamental, os efeitos das alterações do clima passarão a ser sentidos de fato a partir de 2040. Mesmo se o mundo parasse hoje de realizar qualquer emissão de carbono, o planeta levaria duas décadas para zerar o aquecimento.

“O IPCC fala em aproximadamente 20 anos. Foram centenas de anos de CO₂ acumulados. Mesmo que não libere mais, há um monte de CO₂ que tem que ser consumido”, explicou. Os processos de fotossíntese nas florestas ajudam a absorver o CO₂, mas não têm efeito imediato.

Cenário otimista de temperatura

Os cientistas do relatório indicam a necessidade de se manter um nível de aquecimento global de até 1,5° a 2° C, como cenário mais otimista. As três últimas décadas foram as mais quentes. Desde 1950, as mudanças observadas não têm precedentes e ser mostram “extremamente provável” que a ação humana tenha sido a causa predominante do aquecimento na metade do século 20. “O aquecimento acontece de qualquer forma, com ou sem a presença do ser humano. Mas o homem piora”, salientou.

Os piores cenários indicados no relatório supõem um aumento de 2,6° à quase 5°C na temperatura do planeta. O mesmo ocorre com a elevação do nível do mar que, em cem anos, pode chegar a 98 cm. Já no melhor cenário, os oceanos se elevarão 53 cm.

As causas para isso são várias, explicou Marengo, como a expansão térmica, a perda de gelo dos glaciais e dos oceanos congelados e a redução de armazenamento de vapor líquido no continente.

Parece pouco, mas já é o suficiente para gerar um grande impacto. Com o nível do mar mais alto,

as ondas podem avançar, disse o cientista. “Se tiver um furacão ou ventos fortes, os impactos podem ser como o do Katrina, nos EUA (em 2005 que matou 1.800 pessoas). Ninguém está pronto, ninguém está adaptado 100%”, afirmou.

Impactos em cidades e ecossistemas

Já no Brasil e, em geral, na América do Sul, os efeitos mais evidentes ocorrem nas áreas de maior densidade populacional. As periferias das grandes cidades concentram as populações com maior exposição ao risco e menor capacidade de adaptação.

Outro ecossistema que também se mostra vulnerável são os mangues. Em geral, situados em regiões litorâneas e de água doce, os mangues podem ser diretamente afetados com a elevação do nível do mar que substituirá a água doce pela salgada. Este aumento dos mares também podem afetar lençóis freáticos. “Nas épocas históricas isso era motivo para evacuar uma cidade, e hoje não mais”.

Agenda ambiental

O problema, na opinião do cientista, é que muitos líderes globais e países passam mais tempo a culpar os outros pelos problemas e, enquanto isso, “o planeta continua doente”.

A [19ª Conferência de Partes da Convenção-Quadro sobre Mudança do Clima \(UNFCCC\)](#), que ocorrerá em novembro, em Varsóvia, na Polônia, será um momento em que líderes poderão tentar mais uma vez um possível acordo sobre clima.

No entanto, José Marengo se mostra pouco confiante. “A ciência se reduzirá à política no que será discutido em Varsóvia”, afirma. O cientista não se diz muito otimista quanto aos possíveis desdobramentos do tema. “O IPCC estará lá presente e dará uma mensagem um pouco mais forte [sobre o problema]. Existe uma boa vontade de negociação e conversas, mas na hora H de assinar documentos, a experiência mostra que não tem sido efetivo”.

Leia Também

[Ferramenta do Google mostra queda de interesse no clima](#)

[Entenda como são feitos os relatórios do IPCC](#)

[Principais conclusões do novo relatório sobre mudanças climáticas](#)

